



IRACEMA

José de Alencar

IRACEMA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto e notas
José de Alencar

Produção editorial
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Design de capa
Ana Dobón

Revisão
Casa de Ideias
Sônia Regina do Carmo

Ilustração
Vicente Mendonça

Diagramação
Linea Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A368i	Alencar, José de Iracema / José de Alencar. - Jandira, SP : Principis, 2022. 128 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura brasileira). ISBN: 978-65-5552-748-3 1. Literatura brasileira. 2. Romantismo. 3. Ficção. 4. Romance. I. Título. II. Série. CDD 869.8992 CDU 821.134.3(81)-34
2022-0548	

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.8992
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-34

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

À Terra Natal um Filho Ausente.



PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Meu amigo.

Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagino que é a hora mais ardente da sesta.

O sol a pino dardeja raios de fogo sobre as areias natais; as aves emudecem; as plantas languem. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais sublimes expressões do poder criador.

Os meninos brincam na sombra do outão, com pequenos ossos de reses, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. A dona da casa, terna e incansável, manda abrir o coco verde ou prepara o saboroso creme do

buriti para refrigerar o esposo, que pouco há recolheu de sua excursão pelo sítio, e agora repousa embalando-se na macia e cômoda rede.

Abra então este livrinho, que lhe chega da corte imprevisto. Percorra suas páginas para desenfasiar o espírito das coisas graves que o trazem ocupado.

Talvez me desvaneça amor do ninho, ou se iludam as reminiscências da infância avivadas recentemente. Se não, creio que, ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravo que lhe vem da várzea. Derrama-o, a brisa que perpassou nos espatos da carnaúba e na ramagem das aroeiras em flor.

Essa onda é a inspiração da pátria que volve a ela, agora e sempre, como volve de contínuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmuros do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois, que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não há temer. As auras de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva, que nenhuma raça habita aí, que não a inspire com o hálito vital. Receio, sim, que seja recebido como estrangeiro e hóspede na terra dos meus.

Se porém, ao abordar às plagas do Mocaripe, for acolhido pelo bom cearense, prezado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prósperos, estou certo que o filho de minha alma achará na terra de seu pai a intimidade e conchego da família.

IRACEMA

O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou.

Nesse momento mesmo, a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla messe de glória. Quem não pode ilustrar a terra natal, canta as suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois esta primeira mostra para oferecê-la a nossos patrícios a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe endereçar o livro; o outro lhe direi depois que o tenha lido.

Muita coisa me ocorre dizer sobre o assunto, que talvez devera antecipar à leitura da obra, para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida; roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois.

Na última página me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teríamos neste pórtico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devidas a tão alto senhor.

Rio de Janeiro, maio de 1865.

JOSÉ DE ALENCAR



1

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia¹
nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do
sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para
que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta
ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas
solidões do oceano?

¹ **Onde canta a jandaia** – Diz a tradição que Ceará significa na língua indígena – *canto de jandaia*. Aires do Casal, *Corografia Brasileira*, refere essa tradição. O senador Pompeu em seu excelente dicionário topográfico, menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir *Siará* da palavra *suiá* – caça, em virtude da abundância de caça que se encontrava nas margens do rio. Essa etimologia é forçada. Para designar quantidade, usava a língua tupi da desinência *iba*; a desinência *ára* junta aos verbos designa o sujeito que exercita a ação atual; junta aos nomes o que tem atualmente o objeto; ex.: *Coatiara* – o que pinta; *Juçara* – o que tem espinhos. *Ceará* é o nome composto de *cemo* – cantar forte, clamar, e *ara* – pequena arara ou periquito. Essa é a etimologia verdadeira; não só conforme a tradição, mas como as regras da língua tupi.

IRACEMA

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce,
mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano;
uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e
brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa
entre o marulho das vagas:

– Iracema!²

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos
na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue
lágrima cai sobre o jirau³, onde folgam as duas inocentes criaturas,
companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à
calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos,
e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece
no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares; e a borrasca
enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas,
e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras;
e para ti jaspeie a bonança mares de leite!

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volta
às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da
terra onde revoa.

² **Iracema** – Em guarani significa lábios de mel – de *ira*, mel e *tembe* – lábios. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *ceme-iba*.

³ **Jirau** – Na jangada é uma espécie de estrado onde acomodam os passageiros; e às vezes o cobrem com teto de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas.



2

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna⁴ e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati⁵ não era doce como seu sorriso; nem a baunilha re-cendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu⁶, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara⁷. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

⁴ **Graúna** – É o pássaro conhecido de cor negra luzidia. Seu nome vem por corrupção de *guira* – pássaro, e *una*, abreviação de *pixuna* – preto.

⁵ **Jati** – Pequena abelha que fabrica delicioso mel.

⁶ **Ipu** – Chamam ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fértil, que forma grandes coroaos ou ilhas no meio dos tabuleiros e sertões, e é de preferência procurada para a cultura. Daí se deriva o nome dessa comarca da província.

⁷ **Tabajara** – Senhor das aldeias, de *taba* – aldeia, e *jara* – senhor. Essa nação dominava o interior da província, especialmente a serra de Ibiapaba.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica⁸, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará⁹ as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará¹⁰, sua companheira e amiga, brinca junto dela.

Às vezes, sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru¹¹ de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá¹², as agulhas da juçara¹³ com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

⁸ **Oiticica** – Árvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra.

⁹ **Gará** – Ave paludal, muito conhecida pelo nome de *guará*. Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem, que é *ig* – água, e *ará* – arara: arara d'água. Também assim chamada pela bela cor vermelha.

¹⁰ **Ará** – Periquito. Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra, como *muremuré*. *Muré* – fruta, *muremuré* – grande fruta. *Arára* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do gênero.

¹¹ **Uru** – Cestinho que servia de cofre às selvagens para guardar seus objetos de mais preço e estimação.

¹² **Crautá** – Bromélia vulgar, de que se tiram fibras tão ou mais finas que as do linho.

¹³ **Juçara** – Palmeira de grandes espinhos, dos quais servem-se ainda hoje para dividir os fios de renda.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba¹⁴, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha¹⁵ homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

– Quebras comigo a flecha da paz?

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

¹⁴ **Uiraçaba** – Aljava, de *uira* – seta, e a desinência *çaba* – coisa própria.

¹⁵ **Quebrar a flecha** – Era entre os indígenas a maneira simbólica de estabelecer a paz entre as diversas tribos, ou mesmo entre dois guerreiros inimigos. Desde já advertimos que não se estranhe a maneira por que o estrangeiro se exprime falando com os selvagens; ao seu perfeito conhecimento dos usos e língua dos indígenas, e sobretudo a ter-se conformado com eles ao ponto de deixar os trajes europeus e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influência que adquiriu entre os índios do Ceará.



3

O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do Pajé.

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sopro da brisa carneava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

O Pajé lobrigou os dois vultos que avançavam; cuidou ver a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo vale fora.

Quando os viajantes entraram na densa penumbra do bosque, então seu olhar como o do tigre, afeito às trevas, conheceu Iracema e viu que a seguia um jovem guerreiro, de estranha raça e longes terras.